



VII Simpósio Nacional de História Cultural
**HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO,
LEITURAS E RECEPÇÕES**

Universidade de São Paulo - USP

São Paulo - SP

10 e 14 de Novembro de 2014

**IMAGENS DE UMA MODERNIDADE DESEJADA EM
FLORIANÓPOLIS: FOTOGRAFIAS NAS PÁGINAS DA REVISTA
TERRA (1920-1921)**

Cecília de Sousa Reibnitz*

A revista *Terra* foi uma publicação efêmera produzida entre março de 1920 e janeiro de 1921, com um total de 24 exemplares. Apareceu inicialmente como uma revista mensal de “Artes e letras”, com muitos contos, poemas, crônicas, clichês de pequenas imagens e outros desenhos e fotografias em tamanho maior. Seus diretores eram homens do campo político ou possuíam ligação com as instituições de ensino: Altino Flores, Ivo d’Aquino e Othon d’Eça.

A partir do quarto número a revista se tornaria semanal e seu conteúdo passaria a ser mais próximo ao de um periódico. No entanto, ainda que tenha modificado o sentido original, mantinha-se certo espaço literário, bem como críticas e comentários sobre a literatura e os escritores do Estado. Além das notícias sociais, políticas e mesmo esportivas, há colunas dedicadas à História, às regras ortográficas da língua portuguesa e outros temas mais locais como, por exemplo, a coluna com os aniversariantes e notas e fotos sobre o “domingo”. O preciosismo da língua portuguesa era um tema caro a alguns dos principais contribuidores da revista, sendo inclusive pauta para as polêmicas travadas nos impressos da época. As notícias acerca da geografia, dos limites das fronteiras do

* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) – Florianópolis, SC. E-mail: cecilia.reibnitz@gmail.com.

Estado era outro assunto candente, encabeçado pelo Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina (IHGSC) e que seria assumido também pela revista *Terra* (inclusive, muitos membros do Instituto circulavam nas páginas deste periódico). Como elementos iconográficos, aparecem desenhos, fotografias e charges.

Nos estudos em que a revista *Terra* aparece, não há nenhuma abordagem acerca das imagens e da estética veiculadas na publicação. Apesar de que, ao que tudo indica, sua faceta artística teria sido bastante admirada pelo público florianopolitano - as notícias encontradas nos jornais da época qualificam a publicação tanto pelas suas qualidades textuais, quanto pela estética. Ainda que a ênfase das notas publicadas aponte mais para a questão literária, também se destacava as “caprichadas ilustrações”, “magníficas charges”, “apurado gosto artístico” das edições circuladas e a palavra “bella”¹ é constantemente utilizada para qualificá-la.

É a partir de suas imagens que procurarei mostrar aqui como se deram alguns dos discursos sobre modernidade e modernização celebrados pela revista. Apesar de semelhantes na nomeação, modernidade e modernização se referem a processos distintos, ainda que inerentes, que possuíam características particulares e de grande valor na cidade de Florianópolis dos anos de 1920. A modernidade está relacionada à esfera da sociedade, da cultura em geral, bem como ao comportamento, a conduta que se espera de seus indivíduos; ser moderno no vocabulário comum também implica em ser “civilizado”. Já a modernização se dá no âmbito da economia, pressupõe transformações na cidade – refletindo um modelo ou um projeto que pretende “modernizar” ou “civilizar” o seu entorno, muitas vezes a partir de obras que modificam radicalmente a paisagem urbana. Estas duas categorias estão imbrincadas, participam de um mesmo contexto, apesar de assumirem características distintas em cada lugar que se manifesta.

Na revista *Terra* é constante a divulgação de determinados modelos de comportamento (que por vezes parecem ser contraditórios) esperados para seus leitores, bem como o elogio à imagem da cidade de Florianópolis que passava por intensas modificações na área central – há aí uma exaltação intensa e frequente personificada na figura do então governador, Hercílio Luz. Conforme aponta Angela de Castro Gomes (2009) no período da Primeira República o progresso e a civilização eram temas

¹ Nas citações dos jornais da época e da revista *Terra* será aqui mantida a ortografia original.

imprescindíveis, sua procura passou por diferentes projetos e Florianópolis também estava alinhada neste contexto:

foi um tempo de intensa busca de modernidade(s), que não era singular, mas plural, pois diferentes e concorrentes eram os projetos de modernização. De toda forma, no interior dessa variedade, um ponto era praticamente consensual: o Brasil não seria moderno, não se tornaria um país civilizado, sem o auxílio da ciência, o novo e fundamental instrumento para qualquer tipo de progresso da humanidade” (GOMES, 2009, p.21-22).

Na capital de Santa Catarina o avanço e a civilização possuíram estreitas relações com o projeto administrado pelo governador Hercílio Luz. Este teve em sua formação como engenheiro e em suas convicções positivistas, trazidas também dos anos que estudou na Bélgica, um posicionamento forte para realizar mudanças na capital do Estado. Tais obras eram sustentadas por um ideal de higiene, civilização e modernidade e eram aplaudidas pelos escritores da revista *Terra*. Contudo, estas transformações certamente não deveriam satisfazer a todos, principalmente os habitantes mais pobres que eram expulsos das áreas centrais da cidade, para permitir sua devida “modernização” e tinham alguns hábitos agora considerados impróprios, como a criação de animais domésticos nos quintais das casas.

Esses movimentos de reforma tiveram na construção da Avenida Hercílio Luz, inaugurada em 1922, seu grande símbolo. Sendo a primeira avenida da capital - a denominação originalmente prevista era “Avenida do Saneamento”, marcando a preocupação com a saúde pública. A partir dela se configuravam novos espaços da cidade, redefiniam-se centro e periferia, já que para sua criação foram demolidos vários conjuntos de cortiços e a população mais empobrecida se reorganizava fora da região agora central da cidade.

Sobre estas reformas, a revista *Terra* não dedicou grande espaço visual, apesar da constante referência sobre o assunto. O elogio ao governador chega ao ápice na edição de número 13, em comemoração aos dois anos de seu mandato.

Derrubando as velharias inteis de Santa Catharina, que se caracterizavam na mais deploravel das rotinas; trazendo á sua terra um sopro de energias novas no aproveitamento de riquezas até então abandonadas, Hercilio Luz tem assignalado assim o seu Governo, com obras fortes de administração e directrizes seguras de estadista. [...]

É a Capital que se transforma, garridamente enfeitada d’avenidas onde o ar circula e a saúde reina; é a ilha e o continente que se saneiam; são

as novas estradas que se rasgam buscando e aproximando centros produtores...

Mas não è sò pelo lado material que Hercílio Luz tem engrandecido a nossa terra.

Porque foi elle tambem que infundio os sãos princípios de hygiene política no estado; que disciplinou os caracteres, criando o espirito de obediencia e ensinando a renuncia dos interesses privados, que incutiu o amor do povo pelas grandes questões politicas e economicas, garantindo-lhe o livre exercicio do voto; que iniciou a guerra santa á politicagem armadora de braço da jangunçada; que luctou, e ainda lucta contra a miseria moral do desanimo e da descrença matadora dos ideais do povo; que insuflou a coragem patriotica, a coragem das acções, a coragem das idéias e a suprema coragem das atitudes definitivas [...]

E neste dia de hoje em que vem commemorar na praça publica a victoria dos seus ideais, a ‘Terra’, representante dessa geração que Hercílio Luz educou pelos seus ensinamentos e fortaleceu pelo seu exemplo, comunga com a sua gente, no mesmo altar civico, a hostia santa da gratidão ao homem que tem sido grande e puro entre os mais grandes e os mais puros catarinenses.

(Revista *Terra*, n.13, p.3).

Hercílio Luz fora sócio fundador do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina e sob seu governo também se criou a Academia Catarinense de Letras, para a qual era visto como “patrono”. O papel que exerceu entre os intelectuais do período era, sem dúvida, muito lembrada e aplaudida por eles. O governador parece ser a própria encarnação dos ideais de modernidade e modernização, sendo o grande exemplo moral e detendor de um projeto civilizador. O texto o enaltece quase o canonizando, de forma a convertê-lo em uma espécie de símbolo de uma religião cívica. Ao mesmo tempo em que se marcava uma situação de dívida para com Hercílio Luz, eram, em grande medida, estes intelectuais que sustentavam teoricamente o governo e suas ações, atestando seu valor e sua importância. Sua administração era então relacionada a promessas de modernidade tecnológica, e houve inclusive a demonstração de grandes inventos durante seus governos, como a exibição do fonógrafo durante o primeiro mandato (1894). A revista *Terra* contribuía para os usos políticos destas novidades, de forma a demonstrar que todas as medidas tomadas pelo governo eram sinais do progresso e modernização.

Nesta mesma edição há uma série fotográfica com o título “O surto de uma grande administração”. Mostrava-se nela algumas obras realizadas dentro do intuito de embelezamento e higienização. Entretanto, parece que a edição destas páginas apresentou algum problema, pois grande parte das fotografias está cortada, as páginas estão dispostas fora da ordem, de forma que três imagens que iniciam na página 11 possuem sua outra

metade na página 14, e as páginas 12 e 13 encontram o mesmo defeito (a primeira metade está na 13ª e a segunda na 12ª). Estas quatro páginas - que não possuem nenhum outro texto, apenas fotografias, título e legendas - não se encontram no acervo da Biblioteca Pública, apenas no do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, o que pode trazer dúvidas se tais páginas estariam presentes ou não nos exemplares vendidos.

As fotos são ainda bem pouco nítidas. Entre as que melhor se consegue identificar, estão duas fotografias relativas à “estação agrônômica”; três imagens do “Posto Zootechnico ‘Assis Brasil’”² ressaltando as “cocheiras” - e seus animais de raça só podem ser visualizados em uma das fotos; o retrato de Adolpho Konder (única imagem que se dá destaque a uma pessoa); uma residência (não é possível ler o nome do bairro do morador); três fotografias da “Avenida do Saneamento” em construção, sendo que uma dá destaque para “o local onde se está levantando a Escola Normal”; o espaço em que seria feita a “praça Dias Velho”; o “stand da Associação de Tiro e Escotismo”; a “praça 17 de Novembro”; o “Palacio do Governo”, cuja legenda especifica que fora “construido na primeira administração, 1894-1898 do grande catharinense [Hercílio Luz]”; e por último “a Cathedral que será substituída por outra mais sumptuosa” – o que de fato não se realizou, pois a catedral continua sendo a mesma nos dias de hoje.



Revista *Terra*, n.13 - 28/09/1920, p.6.

A fotografia aqui destacada refere-se à “Avenida do Saneamento” (que logo receberia o nome de Avenida Hercílio Luz) e a legenda especifica que se mostra um trecho do canal. O canal em questão era sobre o rio da Bulha, local que Hermes Rei de Araújo (1989) comenta que era considerado desde a metade do século XIX “mal afamado

² Local onde atualmente encontra-se a Universidade Federal de Santa Catarina.

e terrível” (ARAÚJO, 1989, p.25) pelos jornais da época. As medidas sanitaristas impunham que os moradores da região deveriam se submeter aos serviços obrigatórios de coleta de esgoto, o que não gerou os resultados esperados e o rio era considerado responsável por espalhar epidemias. A construção da Avenida Hercílio Luz e a consequente canalização do rio vieram por um fim a esta imagem negativa que a região possuía - o que, além de ser indispensável à “saúde pública” também contribuía para o “aformoseamento e decência da capital” de acordo com o relatório do Presidente da Província citado por Araújo (idem, p.27).

A revista determinava o que deveria ser visto, destacava certas temáticas e ângulos a partir dos quais o observador fixava modelos, induzindo-o a prestar atenção ou valorizar alguns assuntos em detrimento de outros. A publicação de certas imagens indica o que o grupo que a compôs considerava pertinente se observar. Para a História Visual, de acordo com o historiador Ulpiano Meneses (2003), “é necessário tomar a imagem como um *enunciado*, que só se apreende na fala, em situação” (MENESES, 2003, p.28). A imagem, portanto, jamais deve ser entendida como mera ilustração e, para esta concepção, ainda de acordo com Ulpiano Meneses, os documentos não são objetos de pesquisa, são instrumentos dela, servem como uma plataforma para enxergar a sociedade. É sob tal perspectiva que também se irá trabalhar aqui.

Aquilo que é colocado como visível, portanto, se refere à esfera do poder e seus sistemas de controle, bem como ao olhar em si e seus modelos estabelecidos. Ostentam-se determinadas imagens e tornam-se outras invisíveis. Paulo Knauss (2008) afirma que não se deve tomar a visão como um dado natural, a visão deve ser contextualizada, pois o olhar é um sentido construído e historicamente datado. A imagem é, portanto, acima de tudo uma construção cultural.

Não é por acaso que eram publicadas as fotografias da saída da missa de domingo, ou a prática do “footing”³ na Praça XV, nas quais se vê pessoas bem vestidas, pertencentes à determinada classe social e realizando certas práticas culturais. Estas fotografias e imagens também devem ser entendidas dentro de um contexto próprio da história da imprensa, no qual, a partir de novas técnicas começava a se tornar mais recorrente a publicação de imagens, que até então eram muito escassas. Há algumas

³ “Footing” era a expressão utilizada na época para as caminhadas feitas como uma prática das elites, circulando pelo mesmo espaço, todos bem vestidos.

seções que se dedicam principalmente à fotografia na revista *Terra*, como a que se refere ao “Domingo” com imagens majoritariamente de mulheres na Praça XV à saída da missa; a coluna “Nossa alta magistratura” com fotos de desembargadores da cidade; e a seção “Figuras da tábua e do palco” exibindo estrelas do cinema estadunidense. Além destes espaços, algumas fotografias acompanham notícias, tanto de âmbito nacional como outras mais regionais, neste caso a ênfase se dava em acontecimentos políticos.

Ao mesmo tempo, pelas imagens também podemos ter uma noção do comportamento valorizado por meio da publicação. Esta análise se torna mais interessante no caso das mulheres, uma vez que as fotografias de homens se referem quase sempre a políticos ou indivíduos ligados a magistraturas, ou, seja, a figura pública, com imagens oficiais e posadas. Já para as mulheres há a presença de mais de um modelo: é a mulher da alta sociedade vestida de forma elegante, a atriz de cinema como imagem a ser exaltada, e a figura da melindrosa, a mulher que fuma cigarro e dirige automóvel. A figura da mulher melindrosa e da atriz do cinema, “modernas” são, portanto, cercada por outras de mulheres que iam à missa, praticavam o “footing” no domingo e que tinham o lar como espaço consagrado.

Na análise aqui proposta, a reflexão se concentrará sobretudo nas fotografias relativas ao “domingo”, que tiveram como palco principal a Praça XV. Em seu estudo sobre esta praça, a antropóloga Lisabete Coradini (1995) afirma que no final do século XIX o espaço ganhou uma nova feição: “apropriada pela elite local, tornou-se exclusivamente um espaço de lazer das ‘boas famílias’” (CORADINI, 1995, p.57). A Praça passou a ser murada, cercada por uma grade de ferro com portões de acesso, recebeu até mesmo um sino e contava com “um zelador e um ‘síndico’, membro da elite eleito pelos seus pares, tornaram-se responsáveis pela aplicação de um estatuto que regia o comportamento das pessoas no interior da Praça” (idem). O Jardim Público Oliveira Belo, localizado dentro da Praça, recebeu plantas exóticas e foi configurado de acordo com os moldes europeus, com placas legendadas nas plantas e traçado geométrico do espaço: “a Praça XV de Novembro torna-se portanto um reflexo do imaginário da época. Uma praça positivista, dominical e familiar” (idem, p.61).

O espaço de sociabilidade da elite da cidade passou a se dar ali, como um jardim particular e privado. Substituiu outras atividades, como aponta Coradini:

O passeio pela Praia de Fora, as corridas a cavalo na ‘beira-mar’ e o piquenique no morro do Antão foram substituídos pelo footing no

jardim, o Jardim Oliveira Belo, local onde as ‘coisas aconteciam’. A dimensão que predominou foi a do olhar e a de ser olhado. Ali se reuniam os advogados, farmacêuticos, poetas, comerciantes, funcionários públicos, escritores, professores e profissionais liberais. (idem, p.57).

Era a atividade do *footing* que era exibida pela revista *Terra*, que reforçava ainda a saída da missa como prática de um ritual religioso ao qual deveriam compactuar. Nestas fotografias há o destaque para as mulheres, a figura masculina aparece por vezes em segundo plano ou acompanhado da mulher e por vezes das crianças.

A imprensa brasileira das primeiras décadas do século XX teve a preocupação de formular o modelo da mulher ideal. A historiadora Joana Maria Pedro (1994) ao estudar a construção discursiva da figura da mulher na imprensa de Desterro e Florianópolis relaciona a emergência de imagens idealizadas à formação de esfera pública burguesa. Tal emergência se deu na década de 1850 devido a uma nova configuração da elite - vinda principalmente do comércio e transporte de mercadorias, pois o período marca a definitiva inclusão da economia catarinense no circuito do comércio agrário-exportador brasileiro. Esta elite em construção encontrava nos jornais uma forma de expansão de suas aspirações de ascensão social, expondo ali modelos para os sujeitos que se construía. As mulheres aparecem então como referenciais de distinção na construção social, devendo ser destinadas exclusivamente às funções de esposas, mães, donas-de-casa – são “símbolos de status, de um ‘brilho’ recém adquirido” (PEDRO, 1994, p.28). A esposa ideal é aquela que ajuda o marido e não cria mais despesas, a mãe ideal é a mãe instruída, pois além da escola a educação deveria ser ministrada pela mãe no lar.

A autora trabalha com discursos textuais, não fazendo referências a imagens gráficas. No entanto, muitas das fotografias da revista *Terra*, principalmente os “instantâneos” da saída da catedral, parecem condizer com este papel feminino desejado pelas elites da cidade já a partir da metade do século XIX. Ao que parece, estas fotografias despertavam interesse no público da revista *Terra* e eram por vezes destacadas nas notas dos outros jornais relativas à revista, como neste exemplo do jornal *Republica*: “entre os vários clichés, destacam-se os que representam os instantâneos apanhados no Domingo, após a Missa da Cathedral, vendo-se elegantes senhoritas e senhoras do nosso ‘set’” (Jornal *Republica*, 31/08/1920). Esta citação é ainda interessante pelo uso da palavra “set”, que denota uma aproximação com a esfera do cinema ou do teatro, reforçando a

ideia do encontro na praça como uma prática quase ensaiada, na qual prevalecia a dimensão do “ver e ser visto”.

A revista *Terra* publicou um total de 22 destas fotografias, distribuídas em 13 números diferentes, a maioria delas recebeu o título de “O Domingo” e “Depois da missa”, mas outros nomes também aparecem como “Na praça 15”, “Missa elegante”, “O footing na Praça Quinze de Novembro” etc. Em geral, estas fotografias não apresentam um tamanho grande, no entanto o título costuma ser bastante destacado. Provavelmente a dimensão está relacionada à qualidade das imagens, que na maioria das vezes são pouco nítidas. A exceção se faz na foto presente no nº 19, que possui qualidade muito melhor e seu tamanho também é ampliado - curiosamente, esta fotografia é a única imagem de todo este número da revista, o que pode ter sido causado pela carência de outras imagens para compor aquela determinada edição, ou por pensarem que apenas esta fotografia seria o suficiente para saciar o apelo visual do exemplar. Quanto ao fotógrafo, não há qualquer identificação em nenhuma das fotos e quase todas as imagens são ambientadas na Praça XV de Novembro, especialmente do lado da catedral. Não há o acompanhamento de textos e tampouco aparece a identificação das pessoas fotografadas.

A edição de nº 9 é a que inaugura estas fotos com dois “instantâneos”. Um deles recebe o nome “a missa elegante”, no qual se vê, em primeiro plano, quatro mulheres e um homem (figura 6).



Revista *Terra*, n.9 – 29/08/1920, p.7.

O texto presente na página não diz respeito às fotos. Contudo, uma das reportagens, de nome “Protecção ao Berço”, trata sobre caridosas senhoras que “prestam um nobre serviço á pobreza”. O texto é bastante sentimentalista, cheio de diminutivos (“pobrezinha”, “filinho”, “criancinha”) e tem como objetivo parabenizar estas senhoras, com seus “gestos sublimes” (revista *Terra*, n.9, p.7). Talvez alguma destas distintas e nobres senhoras seja, no fim das contas, alguma das elegantes fotografadas.

As atividades assistenciais surgem, para Joana Maria Pedro, como um elemento de distinção para as mulheres na década de 1920. Além das funções familiares, tornava-se aceitável para as mulheres de Florianópolis o papel de professoras (principalmente para as moças solteiras) e sua participação em atividades culturais e beneficentes. Esta atuação marcava, portanto, seu prestígio.

As fotografias desta “seção” mostram a presença de famílias, de amigos e quiçá de namorados, como no caso da imagem do “corço na praça 15 de Novembro”. Também a prática do namoro é descrita com Coradini, esta podia acontecer nos bancos da Praça, no entanto, estariam os jovens sendo vigiados pelos parentes para impedir que houvesse “excessos”.

Contudo, a Praça era também frequentada por outro público, que por vezes fazia dela inclusive seu meio de vida, “eram os engraxates, os jornaleiros, as prostitutas, os biscateiros, os motoristas dos carros de mola ou de praça, e... os vagabundos e os desempregados” (idem, p.58). Tais indivíduos, no entanto, não apareciam nas fotografias da revista *Terra*, o que remete à observação de Susan Sontag (2004) de que “fotografar é atribuir importância” (SONTAG, 2004, p.41). Certamente estes frequentadores da Praça não eram desejáveis para constituir a imagem do que era aquele espaço para grande parte dos editores e colaboradores da revista *Terra* e decidiram simplesmente não mostrá-los ali, direcionando o olhar apenas para o lado “civilizado” da cidade, como também foi o caso das fotografias das obras de Hercílio Luz.

Colocar tais fotografias na revista é formular um discurso que atribui importância a estes comportamentos e estes figurinos, é dar um status para esta alta sociedade local que ultrapassa o cenário que se encontravam, extrapola o domingo e a missa para fazer parte da imprensa. Assim, podem ser vistas por um número maior de pessoas, pelo tempo que desejarem apreciá-las, desta forma, a dimensão da Praça como um local para “ver e ser visto” é acentuado pela revista. Sua imagem se torna imortalizada, pois, de acordo com Boris Kossoy (2012) a fotografia reproduz ao infinito o que só

ocorreu uma vez e uma pose que se realizou em determinado instante. O leitor tem em suas mãos uma imagem da sociedade em que se encontra. Esta sociedade se torna materializada e esta imagem lhe diz constantemente o que deve fazer em um domingo, como se deve vestir, a qual grupo social deve almejar pertencer. A revista *Terra* mostrava assim em suas páginas uma seleção de práticas, comportamentos e atitudes a serem compactuadas, colocando um modelo de modernidade pretendida para os seus habitantes. Também se posicionava quanto ao projeto de modernização articulado pelo governo hercrista, que traria o progresso e uma nova ordem social para a cidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Hermetes Reis de. Fronteiras internas: urbanização e saúde pública em Florianópolis nos anos 20. In: BRANCHER, Ana (org.). **História de Santa Catarina: estudos contemporâneos**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1999.

_____. **A invenção do litoral**: reformas urbanas e reajustamento social em Florianópolis na Primeira República. Dissertação. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 1989.

CORADINI, Lisabete. **Praça XV**: Espaço e Sociabilidade. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1995.

GOMES, Angela de Castro. **A República, a História e o IHGB**. Belo Horizonte: Argvmentvn, 2009.

KNAUSS, Paulo. Aproximações disciplinares: história, arte e imagem. **Anos 90**, Porto Alegre, v. 15, n. 28, dez. 2008.

KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. São Paulo: Ateliê, 2002.

MENESES, Ulpiano. Fontes visuais, cultura visual, História visual. Balanço provisório, propostas cautelares. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 23, nº 45, 2003.

PEDRO, Joana Maria. **Mulheres honestas e mulheres faladas**: uma questão de classe. Florianópolis: Editora da UFSC, 1994.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.